



Tear Online é licenciada sob uma Licença CreativeCommons.

ENSAIOS DE BANDAS JOVENS COMO EXPERIÊNCIA DE ESPIRITUALIDADE E COMUNHÃO

Youth Band Rehearsals as an Experience of Spirituality and Communion

Daniela Weingärtner*

Resumo:

Este artigo aborda os ensaios das Bandas Jovens no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), analisando-os como práticas formativas em que se articulam música, espiritualidade, pedagogia e vivência comunitária. O estudo tem como objetivo compreender os ensaios como espaços de vivência, aprendizado e expressão da religiosidade, ressaltando suas dimensões teológicas, pedagógicas e comunitárias. A metodologia adotada é de cunho bibliográfico e exploratório, ancorada em uma leitura decolonial que busca evidenciar como essas práticas musicais desafiam lógicas coloniais e produtivistas e afirmam formas autênticas de espiritualidade e comunhão. O texto aponta para a ideia de que os ensaios das Bandas Jovens são mais do que preparação para apresentações, pois constituem experiências significativas de formação, resistência epistemológica e construção de *koinonia*, desafiando paradigmas litúrgicos e eclesiológicos eurocêntricos e contribuindo para uma prática teológica situada e contextual. Por fim ressalta-se a urgência de se pensar teologicamente o musicar da IECLB.

Palavras-chave: Musicar. *Koinonia*. Religião vivida. Decolonialidade.

Abstract: This article examines the rehearsals of Youth Bands within the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil (IECLB), analyzing them as formative practices that integrate music, spirituality, pedagogy, and community life. The study aims to understand these rehearsals as spaces of experience, learning, and expression of religiosity, highlighting their theological, pedagogical, and communal dimensions. The methodology is bibliographic and exploratory in nature, grounded in a decolonial perspective that seeks to show how these musical practices challenge colonial and productivist logics while affirming authentic forms of spirituality and communion. The text argues that Youth Band rehearsals are more than preparation for performances; they constitute meaningful experiences of formation, epistemological resistance, and the construction of *koinonia*, challenging Eurocentric liturgical and ecclesiological paradigms and contributing to a situated and contextual

* Daniela Weingärtner é licenciada em música pela Universidade Regional de Blumenau - FURB (2015), mestra em música pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2018) e doutoranda em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo-RS (Início em 2024) com bolsa CNPq. Reside em Blumenau, SC - Brasil. Endereço eletrônico: daniela.wgt@gmail.com

theological practice. Finally, it emphasizes the urgency of theological reflection on *musicking* within the IECLB.

Keywords: Musicking. *Koinonia*. Lived religion. Decoloniality.

1 Introdução

A música ocupa um lugar significativo na vida de jovens e adolescentes e por isso os ensaios de Bandas Jovens podem desempenhar um papel vital na vivência da religiosidade das pessoas jovens. Este artigo busca apresentar como os ensaios desses grupos, especialmente no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), não apenas fortalecem a habilidade musical mas também constituem experiências encarnadas de religiosidade, desafiando modelos litúrgico-musicais herdados de uma matriz eurocêntrica. Por meio do musicar — prática coletiva que valoriza o cotidiano, a afetividade e a escuta — os e as jovens vivenciam uma espiritualidade que se constrói no encontro, nas margens e nos entre-lugares da institucionalidade religiosa.

A visão de Banda Jovem que orienta este artigo parte de um processo empírico, tecido a partir das experiências musicais e comunitárias da autora, no contexto da IECLB. Estas bandas, normalmente, estão vinculadas aos encontros de J.E.¹ e têm como repertório base os hinos preferidos da Juventude. As formações instrumentais são as mais variadas, às vezes contando com a estrutura tradicional de banda, com baixo, guitarra, teclado, bateria e vocal e outras com formações baseadas em flautas doce, clarinetes e trompetes. Em geral, esses grupos contam, também, com músicos em diferentes fases do desenvolvimento, incluindo quem sabe apenas as primeiras notas ou está aprendendo a manusear o instrumento no próprio ensaio e quem já domina tecnicamente seu instrumento.

¹ Os grupos de jovens na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) são usualmente chamados de Juventude Evangélica (JE). “Estes grupos de JE têm como objetivos vivenciar o Evangelho de Jesus Cristo, integrar as pessoas jovens na comunidade, proporcionar espaços de comunhão, reflexão, oração e louvor. O fortalecimento do protagonismo, a promoção da paz, da justiça e do amor também fazem parte da essência da Juventude Evangélica.” Juventude Evangélica (JE). Portal Luterano, 2024. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/nossas-atividades/grupos-comunitarios/adolescentes-e-jovens/juventude-evangelica-je/> . Acesso em 24 jun. 2024.

Os ensaios das Bandas de J.E. normalmente são bem informais, cercados de risadas e conversas variadas. Os e as jovens costumam chegar bem antes do horário e utilizam esse momento para interagir e brincar. Durante o ensaio o clima é bem leve e assuntos variados viram motivo para conversa. Muitas vezes outras pessoas jovens, amigas ou namoradas dos participantes da banda, participam do ensaio, fazem fotos e opinam sobre os arranjos, escolha de repertório e os temas diversos que perpassam o encontro. Boa parte das bandas tem, ainda, uma ou duas músicas que são as preferidas e, por isso, são sempre tocadas em todos os ensaios. Outra característica em comum desses grupos é que o repertório ali ensaiado não costuma ser treinado em casa, aparentemente essas músicas só são feitas em grupo.

A partir desse panorama geral é importante salientar que o objetivo desse texto não é analisar especificamente um ensaio ou contexto, mas pensar nos potenciais que ensaios de Bandas Jovens têm na construção da religiosidade e da noção de comunidade. Para além da Teologia explícita nas músicas executadas por grupos de J.E, as experiências compartilhadas também perpassam e moldam a fé. Este artigo, portanto, busca compreender os ensaios de bandas jovens como vivências formativas que articulam música, espiritualidade e comunhão — constituindo-se como espaços de coeducação, *koinonia* e expressão da religião vivida.

2 Musicar nos Ensaios de Bandas Jovens

A prática musical coletiva envolve e move as pessoas para além da própria música. Pela importância dessa perspectiva, o antropólogo musical Christopher Small, entendendo a música como verbo, cunhou o conceito de musicar que não se refere apenas a quem executa a música, mas a todas as pessoas envolvidas no fazer musical.

“Musicar” é participar de qualquer coisa em uma interpretação musical. Isso quer dizer que “musicar” não é só interpretar, mas também escutar, ou criar material para uma interpretação musical – o que chamamos de compor – preparar uma interpretação – que chamamos de praticar ou ensaiar – ou qualquer outra atividade relacionada com uma interpretação musical.²

² SMALL, Christopher. El Musicar i el Multiculturalisme. In: **ACTES DE LES IV JORNADES DE MÚSICA**. Institut de Ciències de l’Educació. Universitat de Barcelona. 2002. p.15-16.

O conceito de musicar nos faz olhar para a experiência num ensaio musical de forma mais ampla. A experiência vai além da execução em si. As relações sociais estabelecidas, os sentidos e significados criados no encontro e até o fator comunitário fazem parte dessa experiência. O significado das músicas executadas vai, portanto, muito além do texto e das características musicais da obra. Essas experiências desafiam as normatividades musicais e litúrgicas impostas por uma tradição que historicamente marginalizou formas populares, juvenis e não-hegemônicas de expressão religiosa. Nesse sentido, o ensaio torna-se um espaço de resistência epistêmica, onde os saberes periféricos e juvenis são validados e performados. Assim são as experiências, essencialmente coletivas, que trazem sentido e significado para as músicas, contribuindo para a formação de identidades coletivas e fortalecendo a noção de comunidade.

O musicar coletivo é envolto por experimentações e construções coletivas. Nesse sentido, todo musicar é pra valer, ainda que no contexto do ensaio, mesmo quando a música não sai tecnicamente bem. Essa perspectiva é vista na área da psicologia da educação como jogos sociais. Aqui podemos construir um paralelo entre o ensaio e a brincadeira. Tanto o ensaio quanto a brincadeira parecem estar preparando para a vida real, mas essa experiência (de brincar e de ensaiar) tem sentido e relevância em si mesma. Moll diz, a partir de Vigotsky que “justamente por estarem *apenas brincando* eles se sentem livres para se arriscarem a fazer coisas mesmo quando ainda não estão confiantes de que possam fazê-las bem”³ Assim, algumas experiências do ensaio acabam sendo ainda mais relevantes do que as experiências da apresentação.

Para Small, o musicar “[...] não é só ação, é ação social, e sempre tem lugar em um contexto social, e esse contexto social é parte do significado da interpretação”⁴. Assim, a prática musical em um ensaio de uma Banda Jovem se refere também ao ser Comunidade, e, com isso, reforça o *ethos* da comunidade.

³ MOLL, Luis Carlos. **Vygotsky e a educação:** implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.224.

⁴ SMALL, 2002, p.16

Toda comunidade tem *habitus*⁵ que estruturam as relações e os valores vigentes. Essa dimensão nem sempre são conscientes, mas são aprendidas (e ensinadas) quando os participantes da comunidade estão juntos, convivendo de forma coletiva. Esses *habitus* são reafirmados ao longo do tempo, conferindo-lhes historicidade, e se referem tanto às perspectivas da comunidade em si quanto dos preceitos teológicos e confessionais que a envolvem. O musicar das Bandas Jovens é formado, portanto, também por fatores sociais e comunitários. Ele promove comunidade, *koinonia* e sustentabilidade.

O musicar em ensaios de bandas jovens também revela um processo formativo marcado por disposições sociais que são internalizadas no convívio coletivo. Pierre Bourdieu⁶ destaca que os sujeitos desenvolvem *habitus* a partir de experiências recorrentes no interior de determinados campos sociais, e, nesse sentido, os ensaios tornam-se espaços privilegiados de aprendizagem tácita e cultural. Ao mesmo tempo, à luz de Paulo Freire, esses espaços podem ser compreendidos como instâncias de conscientização e prática da liberdade, na medida em que as pessoas tornam-se sujeitos ativos de sua própria formação: “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si”⁷.

3 *Koinonia* em tempos de solidão

O teólogo Dietrich Bonhoeffer diz que: “por isso, quem pode até este momento viver em comunhão com outros irmãos, que louve a graça de Deus do fundo do coração”⁸. A música feita por uma Banda Jovem é uma experiência compartilhada que reforça a *Koinonia* entre os participantes.

⁵ *Habitus*, nesse texto, se refere à perspectiva de Bourdieu: “Os condicionamentos associados a uma classe particular e condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor interação consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente, “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro” (BOURDIEU, Pierre. **O Senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009. p.87).

⁶ BOURDIEU, 2009, p.87.

⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.78.

⁸ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. 7. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.12.

Koinonia é o regime de compartilhamento das mesmas crenças, ideais, opiniões e posses. É colaboração mútua, participação (práxis), relacionamento mais íntimo (Siepierski, 1995:13) no cotidiano, face a face; é colaboração não só no fazer, mas também no ter, objetivando o bem comum⁹

O musicar, especialmente no contexto do ensaio, é um meio onde a *Koinonia* se estabelece, uma vez que contribui para a construção de uma identidade coletiva e fortalece o sentido de pertencimento à comunidade. Essa noção de comunhão que se estabelece é perpassada por diferentes dimensões incluindo a comunhão na fé, na adoração e no amor fraternal. Essa experiência compartilhada é uma experiência real e relevante de religiosidade. Assim, apesar de informais, os ensaios funcionam como um ritual que reforça as relações entre os indivíduos e os valores cristãos, luteranos e comunitários e que se repete cada vez que o grupo se reúne.

Em tempos marcados por uma perspectiva neoliberal, pós-moderna onde valores individuais e produtivistas são propagados, viver em comunidade e promover práticas musicais coletivas e inúteis tem grande relevância. A ideia de inutilidade aqui é apresentada como algo que vai contra a lógica de produção. A prática musical em Bandas Jovens é inútil na medida que promove a coletividade, a afetividade e a *koinonia*, valores que não geram lucro e que contrastam com a lógica social atual.

Ordine, em seu livro “A Utilidade do Inútil” argumenta que:

Numa acepção muito mais universal, coloco no centro das minhas reflexões a ideia da utilidade daqueles saberes cujo valor essencial está completamente desvinculado de qualquer fim utilitarista. Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à sua natureza gratuita e livre de interesses, distante de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade. Nesse sentido, considero útil tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores.¹⁰

Nesse sentido, os ensaios das bandas jovens podem ser lidos como contrapontos ao que Byung-Chul Han¹¹ denomina sociedade do desempenho — uma estrutura social que transforma o sujeito em empreendedor de si mesmo, isolado em sua autoexploração. Na contramão disso, os ensaios funcionam como vivência coletiva e gratuita, onde a partilha, o tempo desacelerado e o vínculo afetivo são mais importantes que a eficiência. Em contraste com a lógica colonial e neoliberal que

⁹ FIGUEIREDO, Theógenes Eugênio. **Koinonia e música**: uma comunidade evangélica no Rio de Janeiro e sua prática musical. 2004. Dissertação (Mestrado em Música). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004, p.21.

¹⁰ ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: Um manifesto. Zahar Editora, 2013, p.71.

¹¹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024, p.25-26.

define valor a partir da produtividade e da conformidade, os ensaios de bandas jovens reafirmam a importância da experiência vivida, da corporeidade e da coletividade. Eles resgatam uma espiritualidade situada, popular e afetiva que, muitas vezes, é desconsiderada pelos modelos litúrgicos herdados de paradigmas europeus e racionalistas. Ao validar as expressões musicais autênticas desses jovens, a prática do musicar nos ensaios pode ser entendida também como uma prática decolonial.

A esse respeito, vale recordar as contribuições de Aníbal Quijano¹², que aponta que a *colonialidade do poder* se manifesta não apenas na dominação econômica, mas também na imposição de formas de ser, pensar e sentir que desvalorizam os saberes e práticas de povos e grupos subalternizados. O modelo colonial impõe uma hierarquia de culturas e de racionalidades, em que tudo o que não se enquadra na matriz eurocêntrica é considerado inferior ou invisível. Assim, ao promover o musicar como experiência comunitária e autêntica, as Bandas Jovens insurgem contra essa lógica colonial, afirmando modos de ser e de conviver que desafiam a hegemonia das formas musicais, litúrgicas e sociais herdadas do colonialismo.

Para os e as jovens, os ensaios podem ser, inclusive, mais significativos do que o próprio culto. Isso porque muitas celebrações são marcadas por uma experiência bastante colonial¹³, engessada, pouco plural e sem espaço para expressividade e criatividade. Nos ensaios, porém, essa perspectiva é relativizada, as práticas são mais livres, perpassadas por assuntos relevantes do cotidiano, a criatividade e a expressividade são estimuladas e as identidades plurais valorizadas.

A música faz parte da vida dos seres humanos, de suas mediações com o mundo, seja por linguagem e representação estética, artística, com valor em si própria, seja como adjunta de outras manifestações, como no caso das

¹² QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142

¹³ “O fazer litúrgico/musical tem caráter de proclamação da Palavra de Deus no culto protestante. Na mediação do fazer litúrgico/musical, é preciso revelar a colonialidade oculta das retóricas/práticas/modos de moldar e definir as ações litúrgico/musicais, que compõem o modo convencional das práticas litúrgicas e, em um segundo momento, desenvolver estratégias para desprender-se da colonialidade, buscando, paralelamente, a valorização da diversidade de experiências sonoras de expressão de fé através de sonoridades que expressam devoção/louvor, como exercício ministerial da pregação do evangelho.” (ILLENSEER, Louis Marcelo. **PRÁTICAS LITÚRGICO-MUSICais: REFLEXÕES TEOLÓGICAS DECOLONIAIS A PARTIR DA CRIAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**. Tese (Doutorado em Teologia)– Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2023, p.91.)

músicas que são canções, das canções que se tornam trilhas e das trilhas que se tornam produtoras de uma cultura e condutoras de uma vida.¹⁴

Os ensaios são experiências coletivas permeadas por identidades plurais. O período da adolescência é marcado pela busca e definição de identidades, pela aceitação nas tribos sociais e pluralidade de escolhas. Os e as jovens querem experimentar e performar sua forma de ser e de se manifestar na sociedade. Os questionamentos sobre os preceitos religiosos e os valores e *habitus* perpassam essas relações. Assim, os ensaios são espaços de *koinonia* também no sentido de que promovem comunhão dos diferentes, que em Cristo são um¹⁵.

4 Ensaio como campo de atuação da Teologia

Ensaios musicais normalmente não são pensados como espaços de ação teológica na IECLB. O potencial ministerial da música¹⁶ como um todo é pouco considerado e discutido nos ambientes eclesiásticos. Essa desvalorização do musicar como espaço teológico está diretamente relacionada a uma tradição teológica marcada por epistemologias coloniais, que hierarquizam saberes e desqualificam as expressões religiosas dos corpos jovens, periféricos, femininos ou populares. O ensaio, nesse contexto, emerge como um território de insurgência espiritual, onde o sagrado é construído coletivamente, na escuta e na sensibilidade cotidiana. As relações, experiências, vivências e aprendizados que ali acontecem tem potenciais missionários e diaconais muito fortes. Os ensaios são (ou podem ser) espaços de reflexão espiritual e formação teológica.

¹⁴ BELLOCHIO. Cláudia Ribeiro. **Formação de professores de música:** desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. Revista da ABEM, Londrina, v.24, n.36. 2016, p.15.

¹⁵ “Todo canto verdadeiro na comunhão deve servir ao alargamento do horizonte espiritual, para reconhecer que nossa pequena comunhão é membro da grande comunhão da cristandade em toda a terra, para que de boa vontade e com alegria nos integramos ao canto da igreja, seja com nosso canto fraco, seja com nosso canto forte.” (Bonhoeffer, 1997, p 50)

¹⁶ Martin Volkmann (VOLKMANN, Martin. Capítulo 4: Teologia Prática e o ministério da igreja. In: SCHNEIDER-HARPRECHT, Christoph, ZWETSCH, Roberto E. (orgs). **Teologia Prática no Contexto da América Latina.** 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.) lembra que o ministério da igreja é plural “Então, num primeiro momento, poder-se-ia concluir que o ministério da igreja evidencia-se numa multiplicidade de dons e serviços, e nesse ministério todas as pessoas têm parte com base no Batismo. É na vivência de seu sacerdócio que cada crente participa desse ministério.” (p.76) mas ao falar da prática e compreensão ministerial da igreja lembra que a prática é vocacionada pela ordenação e a música não é uma ênfase incluída entre as ordenações da IECLB: “O Batismo insere-nos no sacerdócio; para o ministério somos vocacionados pela ordenação. Essa não coloca a pessoa ordenada em um status superior em relação às demais pessoas. Ela é tão somente a expressão da incumbência para um serviço especial.” (p.88)

Durante os ensaios, os grupos precisam definir repertórios para determinadas celebrações. Segundo o teólogo e músico Louis Marcelo Illenseer, “Na dinâmica espaço/tempo dos ensaios, ao se dialogar sobre a performance de determinados repertórios, se oportunizam momentos significativos de reflexão sobre o fazer musical.”¹⁷ Essas reflexões incluem análise do texto das canções e uma comparação com os momentos da estrutura litúrgica do culto. Questiona-se: “*qual música do nosso repertório combina mais com a confissão de pecados? Será que é um problema cantar essa música que tem a palavra “aleluia” durante a quaresma? Alguém viu qual vai ser o texto de pregação do final de semana?*”

A análise e reflexão vai além, inclui os arranjos e definições sobre a introdução da música dependendo do momento litúrgico que ela estará inserida. “*Se essa música vai ser no final, podemos fazer ela mais rápido, pois queremos que a comunidade volte pra casa cantando! Essa música pode ser direto, sem introdução pois fará parte da liturgia da ceia! Vamos seguir tocando a música, numa versão instrumental, durante a oração? Alguém pode abrir o livro de canto e em qual sessão está essa música, porque eu acho que pode ser o canto da palavra!*”¹⁸

Steuernagel discute os parâmetros para a escolha de repertório para o canto comunitário, lembrando de critérios musicais, teológicos e sociais. Segundo o autor:

[...] se não houver uma intencionalidade crítica na escolha do repertório empregado para a expressão artística e cultural do povo de Deus no contexto do culto [...] haverá confusão e conflito entre o *modus vivendi* proposto pelas Escrituras e a proposta cultural e mercadológica na qual vivemos.¹⁹

A riqueza teológica das conversas e reflexões sobre a escolha do repertório traz vida para a liturgia e enche de novos sentidos a prática musical. “Liturgia não é algo estático, parado, engessado. A liturgia é ação. Em verdade, a liturgia comprehende

¹⁷ ILLENSEER, 2023, p.27

¹⁸ O Livro de Canto da IECLB está organizado em três sessões. Na Introdução do livro lemos: “A primeira seção, Canto do Culto Cristão, tem seu foco no Culto Cristão, conforme definido no Livro de Culto da IECLB. A segunda seção, Canto do Tempo litúrgico, tematiza as várias estações do Ano Eclesiástico. A terceira seção, Canto da Igreja, agrupa cantos que enfocam temas essenciais da vida e da Igreja. Em seu todo, o Livro de Canto trata da liturgia no seu enfoque musical.” (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD, 2017) Essa organização, bem como as explicações contidas por todo o Livro de Canto ajudam na compreensão dos leigos sobre a estrutura litúrgica e o papel da música no culto e aponta para a fundamental importância (e urgência) de se refletir teologicamente o fazer musical da IECLB.

¹⁹ STEUERNAGEL, Marcell Silva. Cantando a verdade juntos: estabelecendo parâmetros na escolha de repertório para o canto comunitário. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, 2015, p.92-93.

um conjunto de ações, e essas ações são simbólicas”²⁰. De alguma forma o próprio ensaio é uma prática litúrgico-musical, estruturada para promover a reflexão e a comunhão.

A reflexão teológica sobre o musicar nos ensaios também pode se beneficiar da epistemologia da complexidade proposta por Edgar Morin. Como afirmam Baade, Brandenburg e González²¹ romper com a dicotomia entre sagrado e profano, teoria e prática, é essencial para uma educação cidadã e integral. Aplicando esse paradigma ao contexto dos ensaios musicais, é possível perceber que a experiência vivida ali carrega simultaneamente dimensões estéticas, pedagógicas, espirituais e sociais, desafiando as separações rígidas e propondo uma práxis holística da fé.

Soraya Heinrich Eberle²², musicista e teóloga luterana, discute sobre o potencial de educação cristã dos ensaios musicais. Segundo a autora:

Os ensaios de um grupo de louvor e adoração possuem características mistas entre um ensaio musical e um encontro de grupo de educação cristã na comunidade. As práticas da oração conjunta, leitura e discussão de textos bíblicos e partilha de experiências individuais de fé colocam o ensaio na mesma linha dos grupos de estudo bíblico, grupos de jovens, grupos de casais e outros, destinados a integrar os componentes e favorecer um ambiente de aprofundamento no conhecimento da fé.²³

As conversas e trocas que ali acontecem são permeadas de muita teologia. Soraya Eberle²⁴ fala ainda das experiências como fundamentais e que, por estarem desconectadas de uma pressão de apresentação, acabam sendo potencialmente mais profundas socialmente e teologicamente. A autora ainda chama atenção para o fato desse potencial não ser muito explorado pelas comunidades, é o que ela chama de *riqueza a ser descoberta*.

Lutero, porém, já entendia o potencial do musicar. Segundo ele:

A música é uma esplêndida dádiva de Deus e eu gostaria de exaltá-la com todo o meu coração e recomendá-la a todos. Mas eu estou tão dominado pela

²⁰ GEORG, Sissi. Liturgia cristã: dádiva e compromisso. EWALD, Werner. **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p.25.

²¹ BAADE, Joel Haroldo; ERANDI BRANDENBURG, Laude; GONZÁLEZ VELASCO, Juan Miguel. Dicotomia, complexidade e educação para a cidadania. Revista Polyphonía, Goiânia, v. 31, n. 1, p.85 -- 103, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/66947> Acesso em: 14 abril. 2025.

²² EBERLE, Soraya Heinrich. **Ensaio como Espaço de Formação**: Uma riqueza a ser descoberta. In: EWALD, Werner. **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal / Conselho Nacional de Música da IECLB; Porto Alegre: Coordenadoria de Música da IECLB, 2010.

²³ EBERLE, 2010, p.110.

²⁴ EBERLE, 2010, p.117.

diversidade e magnitude de suas virtudes e benefícios que [...], por mais que eu queira exaltá-la, minha exaltação será insuficiente e inadequada [...]. Se queres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, tornar humildes os orgulhosos, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados por ódio [...] que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar?²⁵

A profundidade e o potencial de mover as pessoas, de missão, de propagação do evangelho e de vivências de fé e de teologia nas práticas musicais coletivas depende do cuidado teológico do músico que conduz e das ferramentas disponíveis. Para que esse potencial seja realmente alcançado, é indispensável pensar e discutir questões como: Os ministros ordenados estão abertos a conversar, sem censura, sobre liturgia com as pessoas jovens? Os músicos da IECLB estão preparados teologicamente para conduzir e auxiliar nas reflexões e questionamentos que ocorrem durante o ensaio? A música é levada a sério enquanto prática teológica na IECLB?

5 Ensaio como vivência da religiosidade

A religiosidade vai além de dogmas e estruturas eclesiásticas. A experiência religiosa é também cotidiana, perpassada pelos laços sociais e pelas experiências significativas compartilhadas. Nesse sentido, embora não seja esse o objetivo, os ensaios são espaços de vivência da religião.

Religião vivida é uma forma de perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera da vida, sejam nas vivências cotidianas e pessoais, sejam em momentos especiais de comemoração ou de crises, nas relações diversas, no lazer e entretenimento, ou seja, fora da alçada da instituição religiosa, fora do culto, fora da própria esfera sagrada e fora da religião institucional, mesmo que, por vezes, relacionada a ela, como forma de explicar a própria vida.²⁶

O ensaio é um espaço privilegiado de aprendizagem e vivência da fé e da música. Diferente de uma celebração, no ensaio as músicas são permeadas por conversas, questionamentos, brincadeiras e interações espontâneas. É a vida acontecendo livremente, mas pautada em aspectos religiosos e reafirmando e promovendo a sustentabilidade de preceitos confessionais.

²⁵ LUTHER apud SCHALK, Carl. F. **Lutero e a Música**: paradigmas de louvor. Tradução, Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal. 2006, p.8.

²⁶ ADAM, Julio Cezar. **RELIGIÃO VIVIDA E TEOLOGIA PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE RELACIONAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO. Perspectiva Teológica**, [S. I.], v. 51, n. 2, p.311, 2019, p.317.

A sociedade está em transformação e as ofertas por experiências e saberes são diversas. Diferente dos séculos anteriores, a igreja não é mais o centro da vida e da estrutura social, mas a espiritualidade e a religiosidade continuam fundamentais. Assim, para compreender as experiências religiosas e para que a igreja continue relevante e contextual, a teologia tem ampliado seu olhar para experiências plurais. R. Ruard Ganzevoort²⁷ diz que a teologia trabalha com três materiais: as fontes textuais de cada tradição religiosa, a ideia e as estruturas conceituais e doutrinárias e “O terceiro material é a “práxis”, ou a religião vivenciada, as ações e os significados operantes nas maneiras em que as pessoas vivem, interagem e se relacionam com o divino.”²⁸

Essa prática da religiosidade vai, portanto, muito além da presença física em determinados cultos ou rituais. A vivência se refere às experiências significativas e as percepções de cada um sobre si, sobre seu contexto e sobre o mundo. Olhar para essas práticas visa “[...] fomentar compreensões materiais mais ricas da teologia corporificada de modo que as pessoas que praticam o ministério e levam uma vida de fé cristã tenham uma percepção maior de sua vocação teológica e religiosa.”²⁹ A religião, portanto, é vivida nas práticas significativas, nas reflexões transformadoras e na *koinonia* entre as pessoas.

Nesse sentido, a convivência que existe ao redor do musicar é que faz a música ter sentido e continuidade. A experiência compartilhada, pautada na história, na religiosidade e nos preceitos estruturais sociais e eclesiásticos é que faz a música ser vivência da religião. Como diz no prefácio do Livro de Canto da IECLB:

Igreja que canta não é obra do acaso. O povo de Deus sempre expressou sua fé através da cantoria acompanhada de instrumentos musicais. Com a Reforma, Lutero contribuiu decisivamente para a forma cantada da Palavra de Deus. E a IECLB carrega essa herança. As primeiras famílias luteranas que aportaram no Brasil a trouxeram no seu coração. O canto comunitário ajudou a sustentar sua fé e o seu testemunho do Evangelho.³⁰

²⁷ GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 49, n. 2, jul.-dez. 2009. p.317-343.

²⁸ GANZEVOORT, 2009, p.323

²⁹ McLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul.-dez. 2016. p.224.

³⁰ STEUERNAGEL, Marcell Silva; EBERLE, Soraya Heinrich, EWALD, Werner [et al.]. **Livro de Canto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017, Prefácio.

O musicar da comunidade é louvor, oração e devoção. Mas vai além, pois é também performance, fruição artística e criatividade. E, ainda, tanto nos cultos quanto nos ensaios, nos encontros de grupos e no cantarolar do cotidiano das pessoas, temos o aspecto coletivo, da comunhão e da *koinonia*.

6 Considerações Finais

As práticas musicais comunitárias são, muitas vezes, pensadas apenas pela lógica funcional. É a ideia de que, como precisa de música no culto, precisam ter músicos para fazer isso. Essa lógica, porém, abafa os potenciais que o musicar tem. É preciso pensar na música como atividade relevante e profunda de religiosidade e *koinonia*.

A presença de um livro de canto comunitário com partituras e explicações litúrgicas/teológicas dá dicas da urgência de se pensar na educação musical das comunidades. Ao mesmo tempo, o potencial missionário da música chama atenção para a necessidade de capacitação teológica das lideranças musicais. O musicar faz parte da história e da tradição da Igreja Luterana, é vivência real da religiosidade e pregação profunda da mensagem de amor e graça do Evangelho. Porém, apesar dos múltiplos potenciais, quase todas as práticas musicais que ocorrem fora do culto não são acompanhadas e nem planejadas teologicamente. Porém, esse espaço à parte, que parece apenas treino, é vivência real da teologia e experiência profunda de *koinonia*.

Os ensaios das bandas jovens são muito mais do que preparação para apresentações: são vivências profundas de comunidade, espaços de experimentação da fé, de construção identitária e de prática teológica situada. Assim, os ensaios de Bandas Jovens, ao mobilizarem práticas de musicar coletivas, horizontais e afetivas, revelam-se como experiências de formação que desafiam as imposições de um cristianismo colonial e produtivista. Reivindicam um espaço para as teologias que emergem das margens, para as liturgias vivas que nascem no encontro e para os saberes que se constroem no corpo, na escuta e na partilha. Ao reconhecerem o ensaio como um campo teológico legítimo, comunidades da IECLB são chamadas a repensar suas estruturas eclesiais a partir de uma pedagogia da escuta e da descolonização. Reconhecer e fomentar o potencial dos Ensaios de Bandas Jovens

exige atenção pastoral, sensibilidade pedagógica e compromisso com a pluralidade das expressões juvenis de religiosidade, pois musicar é também formar, cuidar, anunciar e viver o Evangelho.

Referências

ADAM, Julio Cezar. RELIGIÃO VIVIDA E TEOLOGIA PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE RELACIONAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO. **Perspectiva Teológica**, [S. I.], v. 51, n. 2, p.311, 2019.

BAADE, Joel Haroldo; ERANDI BRANDENBURG, Laude; GONZÁLEZ VELASCO, Juan Miguel. Dicotomia, complexidade e educação para a cidadania. **Revista Pollyphonía**, Goiânia, v. 31, n. 1, p.85 -- 103, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/66947> Acesso em: 14 abril. 2025.

BELLOCHIO. Cláudia Ribeiro. **Formação de professores de música**: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. Revista da ABEM, Londrina, v.24, n.36. p.8-22. 2016

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. 7. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997

BOURDIEU, Pierre. **O Senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

EBERLE, Soraya Heinrich. **Ensaio como Espaço de Formação**: Uma riqueza a ser descoberta. In: EWALD, Werner. **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal / Conselho Nacional de Música da IECLB; Porto Alegre: Coordenadoria de Música da IECLB, 2010.

FIGUEIREDO, Theógenes Eugênio. **Koinonia e música**: uma comunidade evangélica no Rio de Janeiro e sua prática musical. 2004. Dissertação (Mestrado em Música). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANZEOORT, R. Ruard. **Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado**. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 49, n. 2, jul.-dez. 2009. p.317-343.

GEORG, Sissi. Liturgia cristã: dádiva e compromisso. EWALD, Werner. **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

ILLENSEER, Louis Marcelo. **PRÁTICAS LITÚRGICO-MUSICAIS**: REFLEXÕES TEOLÓGICAS DECOLONIAIS A PARTIR DA CRIAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO

DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Tese (Doutorado em Teologia)– Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2023.

Juventude Evangélica (JE). Portal Luterano, 2024. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/nossas-atividades/grupos-comunitarios/adolescentes-e-jovens/juventude-evangelica-je/>. Acesso em 24/06/2024.

MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul.-dez. 2016. p.204-226.

MOLL, Luis Carlos. **Vygotsky e a educação:** implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil:** Um manifesto. Zahar Editora, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142

SCHALK, Carl. F. **Lutero e a Música:** paradigmas de louvor. Tradução, Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal. 2006

SMALL, Christopher. El Musicar i el Multiculturalisme. In: **ACTES DE LES IV JORNADES DE MÚSICA.** Institut de Ciències de l'Educació. Universitat de Barcelona. 2002. p.13-31.

STEUERNAGEL, Marcell Silva; EBERLE, Soraya Heinrich, EWALD, Werner [et al.]. **Livro de Canto da IECLB.** São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

STEUERNAGEL, Marcell Silva. Cantando a verdade juntos: estabelecendo parâmetros na escolha de repertório para o canto comunitário. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p.89-101, 2015.

VOLKMANN, Martin. Capítulo 4: Teologia Prática e o ministério da igreja. In: SCHNEIDER-HARPRECHT, Christoph, ZWETSCH, Roberto E. (orgs). **Teologia Prática no Contexto da América Latina.** 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.